

A formação discursiva e as condições de produção no discurso vieiriano: uma análise do sermão de Santo Antônio

The discursive formation and the conditions of production in the vieiriano speech: an analysis of the St. Antonio's sermon

Keila de Quadros SCHERMACK*
Universidade de Passo Fundo (UPF)

Ernani Cesar de FREITAS**
Universidade de Passo Fundo (UPF/ Feevale)

RESUMO: Este estudo aborda a formação discursiva e as condições de produção no discurso do Padre Antônio Vieira, com o objetivo de identificar as diferentes formações discursivas que compõem o sermão e o contexto sócio-histórico e ideológico em que o texto foi produzido. O marco teórico toma como base a Teoria da Análise do Discurso de linha francesa, na perspectiva de Michel Pêcheux (1969), complementado com apoio em Mussalim (2009), Orlandi (2006, 2008) e Brandão (2004). A pesquisa é descritiva, bibliográfica e qualitativa. A teoria está alicerçada na análise da discursividade, materializada em dois capítulos do Sermão de Santo Antônio, nos quais selecionamos segmentos discursivos comprobatórios das formações discursivas religiosa e política, de acordo com o contexto sócio-histórico do período Barroco. As palavras de Vieira nos revelam questões de ordem religiosa e social. Para a AD, o que está em questão é o lugar ideológico de onde o sujeito enuncia.

PALAVRAS-CHAVE: Análise do Discurso. Formação discursiva. Condições de produção do discurso. Sermão vieiriano.

ABSTRACT: This study addresses the discursive formation and the conditions of production in the speech of priest Antonio Vieira in order to identify the different discursive formations that make up the sermon and the context vieiriano socio-historical and ideological in which the text was produced. The theory framework builds on the Theory of Discourse Analysis of the French line, from the perspective of Michel Pecheux (1969), complemented with support Mussalim (2009), Orlandi (2006, 2008) and Brandão (2004). The research is a descriptive and qualitative literature. The theory is based on the analysis of discourse, embodied in two chapters of the Sermon of St. Anthony, in which selected segments of the evidentiary discursive formations religious and politics discourse, according to the socio-historical context of the Baroque period. Vieira's words reveal issues of religious and social order. For AD, what is at stake is the place where the subject of ideological states.

KEYWORDS: Discourse Analysis. Discursive formation. Conditions of production of speech. St. Antonio Vieira's sermon.

* Mestre em Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade de Passo Fundo (UPF). Passo Fundo- RS. E-mail: keila.quadros@terra.com.br.

** Doutor em Letras (PUCRS), com pós-doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem (PUC-SP/LAEL); professor do Mestrado em Letras, Universidade de Passo Fundo (UPF/RS); professor do Mestrado em Processos e Manifestações Culturais, Universidade Feevale (Novo Hamburgo/RS). E-mail: ecesar@upf.br.

Introdução

Os Sermões de padre Antônio Vieira, considerado um dos maiores prosadores da Língua Portuguesa e um dos principais oradores do discurso sacro no período Barroco, têm sido objeto de estudos em livros de literatura brasileira e portuguesa, a fim de retratar e caracterizar a *prosa* nesse período literário. Críticos da atualidade enfocam apenas a superficialidade do discurso e não consideram o conteúdo político, que está associado ao contexto sócio-histórico e ideológico subjacentes aos textos de Vieira (1999). Afirmamos isso, conforme excerto a seguir, extraído da obra *A literatura portuguesa* do autor Massaud Moisés (2008, p. 116): “É alto o mérito que lhe advém dessa luta travada acima das limitações sacerdotais e pondo a humana condição antes de qualquer verdade pragmática ou dogmática [...] Contudo, à crítica e à historiografia literárias interessa a obra escrita, e não a atuação política, apesar de intimamente associadas”.

A partir desse excerto, podemos inferir que os críticos não ignoram a existência de um conteúdo político, mas desconsideram direcionando-nos ao real foco de interesse de seus estudos, isto é, a obra escrita. Contudo, observamos, no discurso desse religioso, mais do que características de um período literário, pois, além da engenhosidade de suas palavras, questões de ordem religiosa, social e ideológica parecem revelar-se com nitidez.

Nas palavras de Alfredo Bosi (2006, p. 44), “no fulcro da personalidade do Padre Vieira estava o desejo da ação”, percebemos que Vieira era comprometido com problemas de ordem social. Com base nas referidas limitações das quais são submetidas à obra de padre Antônio Vieira, idealizado como mestre da prosa portuguesa, torna-se fundamental a realização de questionamentos, que estão atrelados à temática *A formação discursiva e as condições de produção no discurso vieiriano*: O Sermão de Santo Antônio revela as condições nas quais aquele discurso foi produzido? É possível evidenciar diferentes formações discursivas no discurso vieiriano?

Para o desenvolvimento deste trabalho, partiremos do pressuposto teórico da Análise de Discurso de linha francesa, que teve como precursor o filósofo Michel Pêcheux (1997). O despertar para a temática fundamenta-se no princípio de identificação de diferentes formações discursivas na materialidade linguística que compõe o Sermão de Santo Antônio: a formação discursiva religiosa e a política. Além disso, evidenciaremos a condição de produção do discurso, mais especificamente, a instauração do sujeito discursivo atrelado ao contexto sócio-histórico, pois acreditamos que a constituição do sentido de um enunciado depende das condições históricas e sociais em que o sujeito se encontra e do lugar social de onde ele enuncia.

Ressaltamos que o Sermão de Santo Antônio, objeto de análise desse artigo, foi pregado no Maranhão em 1654, quando os jesuítas lutavam contra a escravidão dos indígenas pelos colonizadores. Esses fatos delimitadores do contexto histórico e social da época repercutiram nas palavras de Vieira.

Este estudo tem como objetivos principais: a) identificar as diferentes formações discursivas que compõem o sermão vieiriano; b) evidenciar os efeitos de sentido produzidos pelo discurso de Vieira, enquanto sujeito ideológico, em comunhão com o contexto sócio-histórico em que foi proferido.

A principal razão de se desenvolver um estudo voltado para a Análise do Discurso reside no fato de acreditarmos que a linguagem deve ser vista como um processo de interação social, dotada de conteúdo ideológico, através da qual os indivíduos (sujeitos) constroem significados da realidade que os cerca, mediados por influências sócio-históricas que se refletem nas escolhas das palavras, ou seja, determinam o que deve ser enunciado pelo falante. Atrelada a essa justificativa de escolha da fundamentação teórica,

está a seleção do *corpus* de análise. A Análise do discurso considera como parte constitutiva do sentido o contexto histórico- social em que este texto, por exemplo, foi produzido. Contextualizado num momento histórico em que a escravidão de índios fazia parte da sociedade, nada mais representativo desse contexto do que um sermão pregado, tendo como público ouvinte os colonizadores da época.

O procedimento metodológico utilizado na concretização desse trabalho foi a pesquisa descritiva, com suporte bibliográfico, numa abordagem qualitativa que consistiu no estudo da Teoria da Análise do Discurso de linha francesa, mais especificamente o conceito de formação discursiva e as condições de produção do discurso (o sujeito e o contexto sócio- histórico), por acreditarmos que ambos são essenciais na construção de sentido do texto, estando necessariamente interligados.

A teoria que fundamenta este estudo está alicerçada na análise da discursividade, materializada em dois capítulos do Sermão de Santo Antônio do padre Antônio Vieira. Mais precisamente, selecionamos segmentos discursivos extraídos do primeiro e quarto trecho do capítulo um e do quinto fragmento do capítulo quatro, com especial ênfase nos enunciados em negrito.

Para o desenvolvimento dessa pesquisa, explicitaremos aspectos relevantes da Teoria da Análise do Discurso, que estarão distribuídos em quatro seções respectivamente. Na primeira seção denominada “a materialização da ideologia e a formação discursiva: o lugar de constituição do sentido” abordaremos o conceito de Formação Discursiva (FD) atrelado à noção de sentido. A segunda seção será reservada para as condições de produção do discurso, na qual daremos enfoque à noção de sujeito para a Análise do Discurso (AD) e no contexto sócio- histórico. A próxima seção contará com os procedimentos metodológicos, que demonstram o percurso realizado para efetivar a análise. Na última seção analisaremos o Sermão de Santo Antônio com a finalidade de identificar as diferentes formações discursivas que atravessam o discurso proferido por Vieira, relacionado- as com as condições de produção e com a noção de sujeito.

1 A materialização da ideologia e a formação discursiva: o lugar de constituição do sentido

A Análise do Discurso, alicerçada no materialismo histórico, concebe o discurso como uma manifestação, ou seja, uma materialização da ideologia decorrente do modo de organização da sociedade. O discurso é a materialidade específica da ideologia e a língua é a materialidade do discurso. Sendo assim, o sujeito do discurso não decide sobre os sentidos e as possibilidades enunciativas do seu próprio dizer. Na perspectiva da AD, ele é concebido como um sujeito social, dotado de inconsciente e ideologia, o que faz com que não seja nem fonte e nem a origem dos sentidos na medida em que se submete a língua. O sujeito ocupa um lugar social específico e a partir dele enuncia, sempre inserido num momento histórico que lhe permite determinadas inserções discursivas e não outras. De acordo com Mussalim (2009, p. 110): “o sujeito não é livre para dizer o que quer, mas é levado, sem que tenha consciência disso (conceito lacaniano de sujeito para a AD), a ocupar seu lugar em determinada formação social e enunciar o que lhe é possível a partir do lugar que ocupa”. Para a Análise do Discurso, o que está em questão não é o sujeito em si, e sim, o lugar ideológico de onde ele enuncia. Devemos enfatizar que a interpelação do indivíduo em sujeito de seu discurso se efetiva pela sua identificação com uma determinada formação discursiva.

De acordo com Brandão (2004, p. 49),

O conceito de formação discursiva regula, dessa forma, a referência à interpelação/assujeitamento do indivíduo em sujeito de seu discurso. É a formação discursiva que permite dar conta do fato de que sujeitos falantes, situados numa determinada conjuntura histórica, possam concordar ou não sobre o sentido a dar às palavras, “falar diferentemente falando a mesma língua”. Isso leva a constatar que uma FD não é “uma única linguagem para todos” ou “para cada um sua linguagem”, mas que numa FD o que se tem é “várias linguagens em uma única”.

Partindo desse ponto de vista, percebemos que a exteriorização do discurso regula o conceito de assujeitamento ideológico do sujeito, visto que é a formação discursiva que possibilita o fato de o sujeito, enquanto enunciador do discurso inserido numa determinada conjuntura histórica, ser capaz de concordar ou não com o sentido a ser dado às palavras. As formações discursivas são os espaços nos quais o discurso e a ideologia se articulam, enquanto componentes de uma formação ideológica, que, por sua vez, pode revelar uma ou mais FDs. Assim, no interior dessas formações discursivas ocorrem diversos embates ideológicos que constituem o enunciado.

Uma formação discursiva determina o que o sujeito deve enunciar de acordo com o lugar social ao qual pertence. Isso ocorre através da identificação do sujeito com a FD dominante. Nesse prisma, entende-se a formação discursiva como um componente das formações ideológicas, que agem no interior de certa realidade social, ou como fator determinante do que deve ou não ser dito em diferentes circunstâncias sócio-históricas e ideológicas. Segundo Brandão (2004, p. 46), “o discurso é uma das instâncias em que a materialidade ideológica se concretiza, isto é, um dos aspectos materiais da ‘existência material’ das ideologias”. O conceito de FD é utilizado pela Análise do Discurso para designar o lugar onde se relacionam discurso e ideologia. Embora uma Formação Discursiva determine a seus falantes o que pode e deve ser dito buscando uma homogeneidade discursiva, os efeitos das manifestações ideológicas são recuperados no interior dos discursos. Cabe a AD analisar esses discursos inscrevendo-os na relação da língua com a história, buscando na materialidade linguística, as marcas ideológicas e sociais.

Uma formação discursiva, por definir-se sempre em relação a um externo, em relação a outras FDs, tem seu espaço atravessado pelo pré-construído, ou seja, por discursos que vieram de outro lugar e são incorporados por ela numa relação de confronto ou aliança de acordo com todo dizer já dito. Nesse contexto, vale destacar que uma FD é constituída por um sistema de paráfrases, por ser um espaço onde enunciados são formulados e reformulados constantemente, “num esforço constante de fechamento de suas fronteiras em busca da preservação da sua identidade” (BRANDÃO, 2004, p. 48).

A formação discursiva é tomada como heterogênea e o que confere ao discurso a heterogeneidade é a constitutiva “presença do outro”. Nesse sentido, percebemos que o objeto de análise pertinente não reside somente no discurso, e sim no espaço de troca entre vários discursos. Com isso, ocorre o que chamamos de conflitos e contradições, os quais emanam discursos que mostram as exterioridades linguísticas enunciadas pelos sujeitos, instaurando um campo de conflitos ideológicos nos quais as diferenças sociais coexistem. Essas colocações remetem à interdiscursividade, que determina a FD na medida em que os discursos não se constituem independentemente uns dos outros, mas se formam no interior de um interdiscurso.

Assim, um conjunto de formações discursivas forma um complexo com dominante, que por sua vez, está afetado por diferentes formações ideológicas. Há uma objetividade material contraditória no interdiscurso, devido ao fato de que algo já foi dito antes em outro lugar e independentemente. Nas palavras de Orlandi (2006, p. 18): “o interdiscurso é

irrepresentável. Ele é constituído de todo dizer já-dito. Ele é o saber, a memória discursiva”. Sempre que o sujeito enuncia, não pode reconhecer sua subordinação/assujeitamento ao *outro* pelo efeito de transparência que nos remete aos esquecimentos segundo a teoria lacaniana de sujeito; esse assujeitamento aparece sob forma de uma “falsa” autonomia. O *outro* implicado no discurso é o interdiscurso.

O mesmo processo ocorre com o sentido do discurso, ou seja, para que uma palavra tenha sentido é preciso que ela já faça sentido inscrita numa determinada FD (efeito do já dito). Isso é chamado de historicidade da análise do discurso. O pré-construído faz com que no dizer já haja um efeito de *já dito* sustentando todo o enunciável. Assim, o interdiscurso torna-se o lugar onde o sentido é construído pelo sujeito através dos esquecimentos, bem como toda a bagagem discursiva que é acrescentada no decorrer das experiências de cada enunciator.

A memória discursiva é trabalhada pela noção de interdiscurso, que pressupõe que “algo” é enunciado antes em outro lugar e independentemente. Isso é o saber discursivo, ou seja, o já dito que constitui todo o dizer. Nas palavras de Orlandi (2006, p. 21) “há uma particularidade que define a natureza da memória discursiva: trata-se do fato que quando enunciamos há essa estratificação de formulações já feitas que presidem nossa formulação e formam o eixo de constituição de nosso dizer”. Entretanto, essas formulações são já feitas e esquecidas. Por isso, afirma-se que a memória discursiva é constituída pelo esquecimento. Para exemplificar esses conceitos (interdiscurso e memória discursiva), Orlandi (2006, p. 21-22) explica o seguinte:

Tomemos por exemplo a palavra “família”. Não sabemos nem dizer o número de vezes que a palavra foi dita em diferentes circunstâncias no contexto histórico da cultura ocidental, por exemplo. A cada vez, ocorreu em condições de produção específicas que a fizeram significar de maneira particular. Pois bem, é todo esse conjunto de enunciações que constitui a memória da palavra família. Mas nós mesmos já esquecemos o como essa palavra significou em cada uma dessas enunciações.

O exemplo citado pela autora evidencia que não temos o controle de como os sentidos se formam em nós, sujeitos. Por isso, quando dizemos uma determinada palavra, essa significa não apenas o que temos a intenção de enunciar, mas também carrega o sentido pela memória de que ela está impregnada, e que na maioria das vezes, esquecemos.

Pêcheux (1995, p. 160) afirma que o “sentido das palavras, expressões, proposições, não existe em si mesmo, mas são determinados pelos lugares ideológicos de onde enunciam os sujeitos e segundo suas inscrições em diferentes formações discursivas”. As palavras mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam.

A formação discursiva se define numa conjuntura sócio-histórica e ideológica, determinando o que deve ser enunciado pelos sujeitos. Por isso, dizemos que a FD é o lugar da constituição do sentido e da identificação do sujeito. As palavras recebem sentido de acordo com a FD na qual são produzidas. A formação ideológica se projeta na linguagem através da formação discursiva. Os indivíduos são interpelados em sujeitos do seu discurso pelas FDs que representam na linguagem e pelas formações ideológicas que lhes são correspondentes. Dessa forma, não podemos desvincular o sentido e o sujeito da ideologia, da mesma maneira que não podemos pensar a ideologia, em termos discursivos, sem levar em conta a linguagem.

Em *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*, Pêcheux e Fuchs (1997, p. 167) afirmam que uma formação discursiva existe

historicamente no interior de determinadas relações de classes, fornecendo elementos que se integram em novas FDs, constituindo-se no interior de novas formações ideológicas. Como exemplo, podemos ressaltar que as formações discursivas (religiosas) presentes na *Bíblia Sagrada* foram evocadas num discurso sermonístico [nesse caso, no Sermão de Vieira] sob a forma de novas formações discursivas através do discurso de cunho político.

Ao pensarmos no funcionamento das formações discursivas e do interdiscurso, podemos compreender como sujeito e sentido se constituem ideologicamente, pelo fato de o sentido discursivo corresponder ao efeito da interpelação do sujeito. Apesar de os sentidos possíveis de um discurso serem preestabelecidos, eles não são constituídos a priori, ou seja, vão surgindo em conjunto com o próprio discurso, determinando-se simultaneamente as posições ideológicas que estão em jogo na formação discursiva que compõe o interdiscurso. Na perspectiva da Análise do Discurso, os sentidos são historicamente construídos, ou seja, o contexto histórico-social é parte fundamental na atribuição de sentidos, pois, dependendo da época em que é construído, um discurso pode ter outra interpretação.

Na obra *Discurso e Leitura*, ao teorizar acerca da formação discursiva e constituição do sentido, Orlandi (2008) afirma que a FD constitui o domínio de saber que funciona como um princípio de aceitabilidade discursiva para um conjunto de formulações, ao mesmo tempo em que exclui o não-formulável, ou seja, sempre que um determinado discurso é aceito, pelo fato de pertencer a uma FD, automaticamente os discursos que não pertencem a esse domínio discursivo são “rejeitados” (o que não deve ser dito em determinada FD). A formação discursiva não funciona como uma “máquina lógica”, mas apresenta uma heterogeneidade em relação a si mesma. Nas palavras de Orlandi (2008, p. 109), “Há um deslocamento contínuo em suas fronteiras, em função das ‘jogadas’ da luta ideológica, em confrontos político-sociais”. A especificidade da formação discursiva está justamente na condição de heterogeneidade que a constitui. Ela não é imóvel e fechada, pois cada FD se define em função das várias outras que a constitui em sua inter-relação com a ideologia.

A próxima seção apresenta as condições de produção do discurso, a constituição do sujeito e a sua relação com o contexto sócio-histórico e ideológico.

2 As condições de produção do discurso: o sujeito e o contexto sócio-histórico

Faremos agora uma reflexão tendo como ponto de partida a constituição do sujeito, bem como a sua relação com o contexto sócio-histórico e ideológico. Na abordagem da análise de discurso, a noção de subjetividade não está mais centrada no *ego (eu)* único, homogêneo, origem e fonte do sentido conforme a teoria da enunciação de Benveniste (1995, p. 259): “É na e pela linguagem que o homem se constitui como *sujeito*; porque só a linguagem fundamenta na realidade, na *sua* realidade que é a do ser, o conceito de ‘ego’”.

Segundo a tendência da AD, o sujeito é descentrado, ou seja, a noção de sujeito está relativizada no par *eu/tu*, incorporando o *outro* como constitutivo do discurso. Nas palavras de Brandão (2004, p. 59), “Para essas abordagens, a noção de história é fundamental, pois, porque marcado espacial e temporalmente, o sujeito é essencialmente histórico”. Ao enunciar a partir de um determinado lugar e de um determinado tempo, o sujeito histórico articula-se a outra noção fundamental: a de um sujeito ideológico. Sua fala representa um

tempo histórico e um contexto social, nos quais projeta (situa) o seu discurso em relação aos discursos do *outro*¹.

Assim, Pêcheux e Fuchs (1997, p. 170) ressaltam que os processos discursivos, conforme são concebidos pela análise do discurso, não poderiam ter a sua origem no sujeito. Contudo, se realizam necessariamente neste mesmo sujeito. Essa aparente contradição nos remete à própria questão da constituição do sujeito e ao que chamamos seu assujeitamento.

Partindo do pressuposto de que o discurso está relacionado ao contexto histórico – social em que é produzido, Pêcheux (1997) emprega ao contexto a denominação de condições de produção. A dupla ilusão do sujeito, denominada *esquecimentos* é constitutiva das condições de produção do discurso. O primeiro esquecimento se origina na ilusão do sujeito ser dono do seu discurso, ou seja, caracterizado por uma atitude de onipotência (“o que eu digo tem o sentido que eu quero”), e o segundo se origina na ilusão da realidade do seu pensamento (onipotência do sentido).

Devido à inconsciência, o sujeito não tem acesso real às condições de produção do próprio discurso, sendo assim não é livre, e a própria opção do que dizer já é em si determinada pelo lugar que ocupa no interior da formação ideológica à qual está submetido, mas as imagens que o sujeito constrói ao enunciar só se constituem no próprio processo discursivo. O jogo de imagens faz parte do discurso na medida em que o sujeito vai construindo-as ao enunciar, definindo e redefinindo o processo discursivo.

As condições de produção de um discurso incluem os sujeitos, a situação discursiva (as circunstâncias da enunciação, o aqui e o agora do dizer, o contexto imediato; o contexto sócio- histórico ideológico), a memória discursiva, o interdiscurso. O contexto imediato e o sócio-histórico ideológico estão separados a fim de explicação, pois na prática discursiva eles são indissociados. “Em toda situação de linguagem esses contextos funcionam conjuntamente” (ORLANDI, 2006, p. 15).

Orlandi (2006) destaca que “as relações de força” são constitutivas do modo como as condições de produção do discurso se estabelecem. De acordo com as relações de força, o lugar social do qual falamos marca o discurso com a força da alocação que esse lugar representa. Assim, importa se o sujeito fala do lugar de presidente, ou de professor, ou de pai, ou de filho etc. O lugar de onde o sujeito enuncia tem força na relação de interlocução e isso se representa nas posições sujeito.

Em *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*, Pêcheux (1995, p. 152) acrescenta ao sujeito da análise do discurso uma articulação entre inconsciente e ideologia. Nessa perspectiva, ideologia e inconsciente atuam na constituição do sujeito discursivo, que antes de manifestar-se precisa pensar a ideologia no registro do inconsciente.

O sujeito da AD é diferente do empírico, pois se torna sujeito pela sua projeção no discurso. O enunciador e o destinatário, na posição de sujeitos, são pontos da relação de interlocução. E isso ocorre no jogo das formações imaginárias que presidem todo o discurso, isto é, a imagem que o sujeito faz dele mesmo e a imagem que ele faz de seu interlocutor.

Para a AD não existe um sujeito individual, mas apenas o sócio-histórico ideológico, no qual a ideologia se manifesta através dele. Assim, é possível perceber que o sujeito não é senhor da sua vontade; ou ele sofre as coerções de uma formação ideológica e discursiva ou submete-se à própria natureza inconsciente. É sob esse ponto de vista que

¹ O *outro* envolve não só o destinatário do sujeito, mas também, outros discursos previamente construídos que emergem na sua fala.

Mussalim (2009, p. 134) esclarece: “o ‘eu’ perde a sua centralidade, deixando de ser senhor de si, já que o ‘outro’, o desconhecido, o inconsciente, passa a fazer parte de sua identidade”. O sujeito é, então, um sujeito descentrado, que se define agora como sendo a relação entre o *eu* e o *outro*.

Reafirmamos que o sujeito do discurso se encontra dividido entre o consciente e o inconsciente. Desse modo, nota-se que não existe um sujeito que tenha consciência daquilo que diz, mas que é levado a produzir um discurso de uma forma e não de outra, mediado pela formação ideológica em determinadas condições de produção. Sendo assim, ao inscrever-se num dado espaço sócio-ideológico, o sujeito evidencia a instância ideológica da qual pertence. É possível, a partir de certos enunciados em certas épocas e lugares, determinar as condições e possibilidades de discurso integradas por diferentes enunciados proferidos. Sendo assim, as condições de produção compreendem fundamentalmente os sujeitos e a posição social, já que as palavras significam conforme as formações ideológicas e as posições sujeito, ligadas às *vozes* presentes no discurso e inseridas em diferentes formações discursivas, tornando-se significativas num determinado contexto histórico.

Na próxima seção, comentamos sobre os procedimentos metodológicos que nortearam esta pesquisa.

3 Procedimentos metodológicos

O *corpus* de pesquisa refere-se a dois capítulos do Sermão de Santo Antônio do padre Antônio Vieira. Para fins de análise, selecionamos segmentos discursivos² extraídos do primeiro e quarto trecho do capítulo um e do quinto fragmento do capítulo quatro, com especial ênfase nos enunciados em negrito. Interessa-nos neste estudo analisar discursivamente, as formações discursivas (religiosa e política) e as condições de produção do discurso sermonístico.

Entendemos que é de extrema importância realizar interfases teórico-aplicadas entre a Teoria da Análise do Discurso de linha francesa e os estudos literários. Essa relação pode, sem dúvida, tornar-se relevante em termos de produção teórica. Articular os mecanismos da discursividade com a linguagem literária significa o rompimento de uma dicotomia, ou seja, utilizar o texto literário como objeto de análise evidencia que literatura e linguística relacionam-se entre si.

Sob o ponto de vista de seus objetivos, essa pesquisa é descritiva pela particularidade do registro e descrição de fatos observados ao longo do estudo, sem que para isso, o pesquisador interfira nos *fatos linguísticos* observados no *corpus* de análise. Nas palavras de Prodanov e Freitas (2009, p. 63), “nas pesquisas descritivas, os fatos são observados, registrados, analisados, classificados e interpretados, sem que o pesquisador interfira sobre eles, ou seja, os fenômenos do mundo físico e humano são estudados, mas não são manipulados pelo pesquisador”.

Do ponto de vista dos procedimentos técnicos, destaca-se a pesquisa bibliográfica, com abordagem qualitativa na análise do *corpus*. Partiremos do princípio segundo o qual todo e qualquer discurso pressupõe certas escolhas temáticas, que são relacionadas a um dado momento histórico vivenciado pelo sujeito. O texto [nesse caso, o Sermão], não pode ser tratado como uma unidade fechada, mas sim como algo incompleto. Essa incompletude

² Para fins de análise, apresentaremos os enunciados em forma de segmentos discursivos (SD1/ SD2).

pode ser evidenciada nas relações que os textos estabelecem entre si, suas condições de produção e sua exterioridade.

O discurso é mais do que transmissão de informações entre locutores. Ao fazer uma crítica ao esquema elementar da comunicação, Pêcheux (1969) comenta que o discurso é “efeitos de sentido entre locutores” (ORLANDI, 2006, p. 14). Nesse contexto, podemos destacar que todo discurso produz diferentes efeitos de sentido conforme as condições de produção em que os enunciados desses são proferidos e as formações ideológicas do sujeito que os produz. Por isso, não faremos uma análise do texto em si, mas sim, dos discursos que se atravessam em sua composição. O discurso é considerado o espaço de materialização das formações ideológicas, ao mesmo tempo em que é determinado por elas, mantendo uma relação crítica entre as formações sociais e os fatores sócio-históricos que o compõem.

Quando afirmamos que discurso diz respeito a efeitos de sentido entre locutores, significa um deslocamento da análise do discurso do terreno da linguagem, vista como instrumento de comunicação. Nas palavras de Orlandi (2006, p. 15), “não há essa relação linear entre enunciador e destinatário. Ambos estão sempre já tocados pelo simbólico. Tampouco a língua é apenas um código no qual se pautaria a mensagem que seria assim transmitida de um a outro”. Ao ser produzido um determinado discurso, subentende-se que o sujeito pressupõe a existência de um interlocutor, isto é, o lugar que o destinador atribui ao destinatário.

Sendo assim, entendemos o discurso não apenas como um ato de comunicação, e sim, como efeitos de sentido entre interlocutores, por isso a maneira como o sujeito se manifesta no discurso evidencia sua natureza histórico-ideológica. Ao ser produzido, o discurso mascara o funcionamento das ideologias que o compõe, e, conseqüentemente, o sentido parece evidente por permanecer num nível superficial. Mas se considerarmos as relações existentes entre a materialidade linguística e sócio-histórica que determina a sua condição de produção, múltiplos sentidos podem ser desvendados.

Com a finalidade de melhor estruturar nossas observações do sermão ora em análise, caracterizado pelas marcas linguístico- discursivas relacionadas com o conceito de formação discursiva e das condições na quais o discurso sermonístico foi produzido, estabelecemos o seguinte percurso: a) em primeiro momento selecionamos informações do contexto histórico- social em que o Sermão de Santo Antônio foi produzido, consultando capítulos referentes ao período literário Barroco, nas obras *História concisa da literatura brasileira* (2006) do autor Alfredo Bosi e *A literatura portuguesa* (2008) de Massaud Moisés; b) em um segundo momento, procedemos a leitura do sermão selecionando os enunciados comprobatórios da materialização da ideologia de padre Antônio Vieira, evidenciando as formações discursivas religiosa e política; c) na sequência, procuramos determinar que relação havia entre o objeto discursivo selecionado e o contexto sócio- histórico e ideológico da época em que viveu o sacerdote; d) depois, relacionamos as diferentes formações discursivas com as condições de produção do discurso, explicitando os efeitos de sentido produzidos por esses enunciados; e) por último, evidenciamos a noção de sujeito, considerando o lugar sócio- ideológico de onde Antônio Vieira enuncia (missionário jesuíta e orador: enunciando numa sociedade escravocrata).

4 A análise do Sermão de Santo Antônio

O Sermão de Santo Antônio, proferido na cidade de São Luis do Maranhão em 1654, constitui um documento comprovador da habilidade oratória e da preocupação de Antônio Vieira com as questões políticas e sociais da época. Esse sermão foi pregado três

dias antes do padre embarcar ocultamente para Portugal, a fim de interceder junto ao rei para que fossem criadas leis que garantissem um conjunto de direitos básicos aos índios brasileiros, vítimas da exploração e da ganância por parte dos colonos maranhenses.

Em *Literatura e sociedade*: estudos de teoria e história literária, ao refletir acerca do período Barroco, Cândido (1965, p. 110-111) comenta o seguinte:

Estamos, além disso, no gênero ideal para o tempo e o meio, em que o falado se ajusta às condições de atraso da colônia [...] Nunca o verbal foi tão importante e tão adequado, sendo ao mesmo tempo a via requerida pela propaganda ideológica e o recurso cabível nas condições locais. E nunca outro homem encarnou tão bem esse conjunto de circunstâncias, que então cercavam a vida do espírito no Brasil – sendo ao mesmo tempo missionário, político doutrinador e incomparável artífice da palavra, penetrando com a religião como ponta de lança pelo campo do profano.

Na obra de Cândido (1965), percebe-se o reconhecimento do conteúdo ideológico nas palavras do sacerdote, evidencia-se o papel social de Vieira (como enunciador), bem como a importância dos seus sermões proferidos ao público do Brasil colônia, os quais exerciam a função de doutrinar religiosa e politicamente tanto os índios quanto os colonizadores.

Para fins de análise, selecionamos segmentos discursivos extraídos do primeiro e quarto trecho do capítulo I e do quinto trecho do capítulo IV, conforme apresentados na sequência.

Vos estis sal terrae. S. Mateus, V, 13.

I

Vós, **diz Cristo**, Senhor nosso, falando com os pregadores, sois o sal da terra: e chama-lhes sal da terra, porque quer que façam na terra o que faz o sal. **O efeito do sal é impedir a corrupção; mas quando a terra se vê tão corrupta como está a nossa, havendo tantos nela que têm ofício de sal, qual será, ou qual pode ser a causa desta corrupção?** Ou é porque o sal não salga, ou porque a terra se não deixa salgar. Ou é porque o sal não salga, e os pregadores não pregam a verdadeira doutrina; ou porque a terra se não deixa salgar e os ouvintes, sendo verdadeira a doutrina que lhes dão, a não querem receber. Ou é porque o sal não salga, e os pregadores dizem uma coisa e fazem outra; ou porque a terra se não deixa salgar, e os ouvintes querem antes imitar o que eles fazem, que fazer o que dizem. Ou é porque o sal não salga, e os pregadores se pregam a si e não a Cristo; ou porque a terra se não deixa salgar, **e os ouvintes, em vez de servir a Cristo, servem a seus apetites.** Não é tudo isto verdade? Ainda mal!

[...] Pregava Santo António em Itália na cidade de Arimino, contra os hereges, que nela eram muitos; e como erros de entendimento são dificultosos de arrancar, não só não fazia fruto o santo, mas chegou o povo a se levantar contra ele e faltou pouco para que lhe não tirassem a vida. Que faria neste caso o ânimo generoso do grande António? Sacudiria o pó dos sapatos, como Cristo aconselha em outro lugar? Mas António com os pés descalços não podia fazer esta protestação; e uns pés a que se não pegou nada da terra não tinham que sacudir. Que faria logo? Retirar-se-ia? Calar-se-ia? Dissimularia? Daria tempo ao tempo? Isso ensinaria porventura a prudência ou a covardia humana; mas o zelo da glória divina, que ardia naquele peito, não se rendeu a semelhantes partidos. Pois que fez? Mudou somente o púlpito e o auditório, mas não desistiu da doutrina. Deixa as praças, vai-se às praias; deixa a terra, vai-se ao mar, e começa a dizer a altas vozes: **Já que me não querem ouvir os homens, ouçam-me os peixes.** Oh maravilhas do Altíssimo! Oh poderes do que criou o mar e a terra! **Começam a ferver as ondas, começam a concorrer os peixes, os grandes, os maiores, os pequenos,** e postos todos por sua ordem com as cabeças de fora da água, António pregava e eles ouviam.

IV

E para que vejais como estes comidos na terra são os pequenos, e pelos mesmos modos com que vós comeis no mar, **ouvi a Deus** queixando-se deste pecado: *Nonne cognoscent omnes, qui operantur iniquitatem, qui devorunt plebem meam, ut cibum panis?* «Cuidais, **diz Deus**, que não há-de vir tempo em que conheçam e paguem o seu merecido aqueles que cometem a maldade?» E que maldade é esta, à qual Deus singularmente chama maldade, como se não houvera outra no Mundo? E quem são aqueles que a cometem? **A maldade é comerem-se os homens uns aos outros, e os que a cometem são os maiores, que comem os pequenos:** *Qui devorant plebem meam, ut cibum panis.*

No primeiro capítulo, Antônio Vieira apresenta a citação bíblica que norteará o sermão: *Vos estis sal terrae*. S. Mateus, V, 13. Então, explica as razões pelas quais a terra está tão corrupta. Ou a culpa é dos pregadores (representados pelo *sal*) ou está nos ouvintes (representados pela *terra*). Se a culpa está no sal é porque os pregadores não pregam verdadeiramente, mas se a culpa está na terra é porque os ouvintes não assimilam a doutrina, servindo apenas aos seus “apetites” (representando os vícios e as maldades cometidas pelos colonos maranhenses).

A linguagem de Vieira é a materialização da ideologia decorrente do modo como se organizava a sociedade da época (sociedade escravocrata). Nas palavras de Moisés (2008, p. 115), “assistido por inquebrável dinamismo, o Padre Vieira pensou todas as questões candentes em seu tempo e procurou agir praticamente para lhes dar rumo compatível com aquilo que julgava correto, numa linha de coerência que por si só explica a vastidão da sua obra e da sua ação mental e política”.

Através desse excerto, podemos reconhecer um Vieira preocupado com os problemas sociais de sua época, não exercendo somente o papel de sacerdote, e sim, agindo crítica e politicamente de acordo com aquilo que julgava correto. Conforme Fiorin (2007, p. 32), “assim como uma formação ideológica impõe o que pensar, uma formação discursiva determina o que dizer”. Numa formação social há tantas formações discursivas quantas forem as formações ideológicas. Por isso, podemos ressaltar que as visões de mundo não se desvinculam da linguagem, porque a ideologia é indissociável da linguagem por fazer parte da realidade.

Percebemos a ideologia marcada através de um discurso caracterizado por duas formações discursivas: a religiosa e a política. Dentre os diversos discursos que atravessam a FD que constitui o sermão, temos o discurso bíblico (religioso) evidenciado desde o início do texto:

SD1 - *Vós, diz Cristo, Senhor nosso, falando com os pregadores, sois o sal da terra.*

Logo, seu discurso é atravessado pela FD política, na qual demonstra preocupação com a corrupção da sociedade, partindo do princípio de que a culpa é dos ouvintes representados pelos colonos maranhenses. Podemos evidenciar através desse segmento discursivo:

SD2 - *O efeito do sal é impedir a corrupção; mas quando a terra se vê tão corrupta como está a nossa, havendo tantos nela que têm ofício de sal, qual será, ou qual pode ser a causa desta corrupção?*

No decorrer do sermão, percebemos uma “aliança” entre essas duas formações discursivas. Ocorre que essa não é um embate entre esses dois discursos, mas é, antes de tudo, o encontro entre forças ideológicas. De um lado, temos um Vieira preocupado em pregar o evangelho e de outro, um locutor enunciando de acordo com os problemas sociais que envolviam a escravidão. De acordo com Pêcheux (1997 p. 160), as palavras “mudam de sentido, segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam”, isso significa que elas adquirem seu sentido em referência a essas posições, isto é, em referência às formações ideológicas nas quais essas posições se inscrevem.

Podemos inferir que uma FD é governada por uma formação ideológica, que se reflete na escolha das palavras do enunciador. O texto de Vieira é heterogêneo, pois não há como definirmos um dos discursos sem remeter ao outro. “Existe, numa FD, sempre a presença do *outro*, e é esta presença que confere ao discurso o caráter de ser heterogêneo” (MUSSALIM, 2009, p. 129). Por isso, dizemos que o sermão não é composto de um ou outro discurso, mas é a relação entre diferentes formações discursivas. Uma FD sempre se define em relação ao externo, tendo seu espaço atravessado pelo pré- construído, ou seja, discursos provenientes de outros lugares, os quais constituem todo o dizer já dito.

O discurso de Vieira (1999) cita o texto bíblico, constituindo-se por um dizer já dito no evangelho de S. Matheus, v, 13. Esse é o princípio da memória discursiva instaurada no discurso do sacerdote. O *já dito* constitui todo o dizer contribuindo com a construção dos efeitos de sentido do texto.

No quarto trecho do capítulo I, o sacerdote desvia o foco do assunto anterior ao citar outro pregador que não obteve sucesso com a evangelização. Numa atitude de comparar a história de vida de Santo Antônio com o exercício do próprio sacerdócio, Vieira decide pregar aos peixes³, já que os homens não lhe ouvem, conforme o segmento discursivo:

SD3 - *Já que me não querem ouvir os homens, ouçam-me os peixes.*

O quarto capítulo é marcado pela relação estabelecidas entre a formação discursiva religiosa, evidenciada sempre que o jesuíta invoca a palavra de Deus no seu discurso, atrelada a denúncia político-social (FD política), conforme os segmentos discursivos:

SD4 - *Cuidais, diz Deus, que não há-de vir tempo em que conheçam e paguem o seu merecido aqueles que cometem a maldade?*

³ O sermão é alegórico, uma vez que são utilizados os peixes como figuras concretas para a crítica aos homens.

SD5 - [...] *E para que vejais como estes comidos na terra são os pequenos... A maldade é comerem-se os homens uns aos outros, e os que a cometem são os maiores, que comem os pequenos.*

Vieira acusa os peixes (homens) de se comerem uns aos outros, recorrendo a esse exemplo para criticar os colonos devido às atitudes de exploração e maldade contra os índios, que nesse contexto, representam a classe desfavorecida da sociedade. Nesse sentido, vale destacarmos que a Análise do Discurso considera como constitutivo do sentido o contexto histórico – social em que o texto foi produzido. Assim, devemos considerar que o fato de ignorarmos essa realidade alteraria todo o sentido do enunciado. De acordo com Mussalim (2009, p. 123), “o contexto histórico-social, então, o contexto de enunciação, constitui parte do sentido do discurso e não apenas um apêndice que pode ou não ser considerado”.

Nesse sentido, Pêcheux e Fuchs (1997, p. 170) comentam que as condições de produção do discurso designavam ao mesmo tempo o efeito das relações de lugar nas quais se acha inscrito o sujeito e a “situação vivida pelo sujeito”. Dessa forma, podemos destacar que as condições de produção têm uma relação necessária com a linguagem, por isso não são elementos externos ao discurso. Mesmo não estando materialmente inscritas no discurso, estão marcadas na sua constituição pela memória discursiva e pelo interdiscurso.

Se considerássemos a hipótese de que este sermão, por exemplo, tivesse sido escrito e pregado no século XXI, o público ouvinte de Vieira poderia ser “os políticos corruptos da atualidade” e as críticas poderiam estar destinadas as desigualdades sociais de um modo geral. Por isso, afirmamos que o efeito de sentido produzido por um discurso vai depender do contexto social e do lugar ideológico de onde ele é enunciado. Além disso, sabemos que o sentido do Sermão não é dado *a priori*, mas vai se constituindo a medida que se constrói o texto, visto que forças ideológicas são colocadas em jogo nesse processo.

Outro aspecto importante a ser considerado reside no lugar ideológico de onde o sujeito Antônio Vieira enuncia: missionário jesuíta e orador (enuncia numa época em que a escravidão de índios fazia parte da sociedade). Esse sujeito não decide quanto as possibilidades enunciativas do próprio dizer, pois ele é concebido como social, dotado de inconsciente e ideologia, não sendo nem fonte e nem origem dos sentidos por submeter-se à língua. Vieira ocupa um lugar específico a partir do qual enuncia inserido num momento histórico que lhe permite determinadas inserções discursivas e não outras. Ao enunciar a partir de um determinado lugar e de um determinado tempo, sua fala representa um contexto social, nos quais projeta o seu discurso em relação aos discursos do outro. Assim, a interpelação/assujeitamento do indivíduo em sujeito se efetiva pela sua identificação com uma formação discursiva.

Considerações finais

Realizamos esta pesquisa com os objetivos principais de identificar as diferentes formações discursivas (religiosa e política) que compõem o Sermão de Santo Antônio do padre Antônio Vieira, bem como evidenciar as condições sócio-históricas e ideológicas em que esse discurso foi produzido, tendo como ponto de partida as seguintes questões norteadoras: O Sermão de Santo Antônio revela as condições nas quais aquele discurso foi produzido? É possível evidenciar diferentes formações discursivas no discurso vieiriano?

Durante o desenvolvimento deste estudo, identificamos as formações discursivas que atravessam o discurso sermonístico e suas condições de produção, selecionando informações sobre o contexto histórico- social em que o Sermão foi produzido e os enunciados comprobatórios da materialização da ideologia de Vieira, evidenciando as

formações discursivas religiosa e política, decorrentes das diversas *vozes* que permeavam a fala do sacerdote. Por último, procuramos determinar que relação havia entre o objeto discursivo e o contexto sócio-histórico e ideológico da época em que viveu o padre.

Percebemos que pensar o texto em seu funcionamento (discursividade), é ligá-lo a sua exterioridade, de modo que os sentidos se constituam, pois a análise do conteúdo textual não seria suficiente para compreender as condições nas quais o discurso (sermão) foi produzido. Então, relacionamos as diferentes formações discursivas com as condições de produção do discurso, explicitando que os efeitos de sentido produzidos se constituem no contexto de enunciação, ou seja, no espaço de circulação entre a FD religiosa e política. O sentido, portanto, não é único, já que se dá num espaço marcado pela heterogeneidade discursiva.

Ao evidenciarmos a noção de sujeito, considerando o lugar sócio – ideológico de onde Antônio Vieira enuncia, podemos inferir que o sujeito do discurso não é livre para dizer o que quer, mas é levado, sem que tenha consciência disso, a ocupar seu lugar em determinada formação social e enunciar o que lhe é possível no lugar em que ocupa, isto é, Vieira é assujeitado porque ocupa um lugar específico a partir do qual enuncia inserido num momento histórico que lhe permite determinadas inserções discursivas e não outras.

Assim, é possível afirmar mediante a análise do *corpus* desta pesquisa que a linguagem de Padre Vieira é a materialização da ideologia político-religiosa decorrente da realidade social escravocrata à qual estava submetido na época. Essa ideologia é marcada pelo encontro de duas forças ideológicas: a FD religiosa e a política, sendo que ambas são determinantes do que pode e deve ser dito a partir de um lugar social. As formações discursivas que compõem as palavras do jesuíta se definem em relação ao externo, tendo seu espaço atravessado pelo pré – construído, ou seja, discursos que constituem todo o dizer *já dito*.

Por fim, percebemos que os efeitos de sentido produzidos por um enunciado dependem do contexto social e do lugar ideológico de onde for proferido, visto que o sentido do Sermão de Santo Antônio não foi dado *a priori*, mas se constituiu à medida que se construiu o texto, mediante as forças ideológicas colocadas em jogo no processo de produção do discurso.

As limitações desse estudo, poderíamos assim conceber, estariam alicerçadas na necessidade de domínio teórico e aprofundamento dos conceitos subjacentes à teoria da Análise do Discurso para posterior aplicação desses fundamentos na análise do corpus da pesquisa. Buscamos de alguma maneira esse domínio e aprofundamento, na medida do possível e da extensão que nos permite o espaço de divulgação, no entanto, entendemos que esse “olhar” é sempre subjetivo, depende de como é percebido e analisado o objeto de pesquisa. Diante disso, percebemos que o trabalho na perspectiva da AD requer clareza conceitual no que diz respeito ao sujeito, sentido, discurso, ideologia entre outros. Trabalhar com a visão ideológica manifestada na linguagem exige que pensemos na língua e na história, na exterioridade que é constitutiva do discurso, na memória que significa, bem como nos efeitos de sentido que são construídos no decorrer da leitura dos enunciados.

Acreditamos que a contribuição desse trabalho situa-se na possibilidade em poder auxiliar nos estudos e nas pesquisas desenvolvidas no âmbito da Análise do Discurso e sua interface com outros campos do saber, como por exemplo, a crítica e a historiografia literárias.

REFERÊNCIAS

- BENVENISTE, E. Da subjetividade na linguagem. In: _____. *Problemas de linguística geral I*. Campinas, SP: Pontes, 1995, p. 284-293.
- BOSI, A. Ecos do Barroco. In: _____. *História concisa da literatura brasileira*. 43. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.
- BRANDÃO, H. N. *Introdução à análise do discurso*. 2. ed. São Paulo: UNICAMP, 2004.
- CÂNDIDO, A. *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*. São Paulo: Nacional, 1965.
- FIORIN, J. L. *Linguagem e ideologia*. São Paulo: Ática, 2007.
- MOISÉS, M. *A literatura portuguesa*. São Paulo: Cultrix, 2008.
- MUSSALIM, F. Análise do discurso. In: MUSSALIM, F.; BENTES, Anna C. *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. São Paulo: Cortez, 2009, v. 2, p. 101-142.
- ORLANDI, E. P. Análise de discurso. In: ORLANDI, E.; LAGAZZI-RODRIGUES, S. (Org.). *Discurso e textualidade*. Campinas, São Paulo: Pontes, 2006, p. 11-31.
- ORLANDI, E. P. *Discurso e leitura*. São Paulo: Cortez, 2008.
- PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Tradução de Eni Pulcinelli Orlandi [et al.], 2. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1995.
- PÊCHEUX, M. Análise automática do discurso (AAD-69). In: GADET, F.; HAK, T. (Org.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas: Ed. UNICAMP, 1997, p. 61-161.
- PÊCHEUX, M.; FUCHS, Catherine. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas. In: GADET, F.; HAK, T. (Org.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas: Ed. UNICAMP, 1997, p. 163-252.
- PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. *Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico*. Novo Hamburgo: Feevale, 2009.
- VIEIRA, A. Sermão de Santo Antônio. In: _____. *Os melhores sermões*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1999.

Recebido em: 05 de dezembro de 2011.

Aprovado em: 15 de junho de 2012.